

Butão inova ao criar a Felicidade Interna Bruta

O Butão, país da Ásia entre a Índia e o Tibet, criou uma visão alternativa para medir as riquezas de um país na década de 1970. Em vez de somente medir as riquezas materiais, passou a medir também a felicidade, o bem-estar da população e o desenvolvimento sustentável. Criou então o índice Felicidade Interna Bruta (FIB), pois o Produto Interno Bruto (PIB) não dava mais conta desses conceitos. A conta é simples: quando um país vende seus recursos naturais, por exemplo, o resultado final é tido como crescimento, mas os danos ambientais e sociais podem ser irreversíveis.

O cálculo do FIB inclui o padrão de vida econômica, educação de qualidade, saúde, expectativa de vida e longevidade comunitária, proteção ambiental, acesso à cultura, bons critérios de governança, gerenciamento equilibrado e bem-estar psicológico. Para o economista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP) Ladislau Dowbor, a principal defasagem do PIB é não contabilizar os estoques de recursos naturais. “Se um país exporta petróleo, corta suas florestas, na verdade está reduzindo o estoque de riquezas”, afirma.

Pesquisas dão pistas de como encontrar o bem-estar

Não há receita pronta, mas pesquisadores dão pistas do que ouvem nos consultórios e vêem nas pesquisas. Eis algumas: a felicidade não está ligada a qualquer meio externo e sim ao estado de espírito. Dedique grande parte do tempo à família e amigos, estimulando e desfrutando dessas relações. Expresse gratidão pelo que tem. Faça voluntariado, ajude amigos, colegas de trabalho e estranhos. Seja otimista ao imaginar o futuro. Saboreie a vida, prazeres e tente viver o momento presente. Valorize as pequenas coisas e não só os grandes acontecimentos. Faça exercício físico. Encontre seu lado espiritual ou religioso.

A antropóloga Susan Andrews lembra que o PIB dos Estados Unidos triplicou desde 1950, mas hoje uma em quatro pessoas é infeliz ou deprimida, o número de divórcios duplicou, o de crimes violentos quadruplicou e a população carcerária está cinco vezes maior. “Os americanos aumentaram sua riqueza, mas no processo perderam algo muito mais precioso – seu sentido de comunidade”, explica. Na opinião de Susan, o FIB pode ser facilmente aplicado no Brasil. Os butaneses, com ajuda de economistas da Europa, EUA e Canadá, desenvolveram indicadores quantitativos sofisticados para medir a felicidade. Eles se baseiam em pesquisas psicológicas sobre fatores que aumentam o bem-estar subjetivo.

O Butão tinha uma política isolacionista até rei Jigme Singye Wangchuck abrir as fronteiras na década de 1980. Em 2006 ele abdicou ao trono em favor do filho e implantou a democracia no país. Antes, já havia revolucionado com a idéia de criar o índice Felicidade Interna Bruta (FIB). Hoje o país é visto como

exemplo a ser seguido. Mais de 70% do território tem cobertura vegetal original e há investimentos na área de turismo ecológico. Em 1982, a expectativa de vida era de 43 anos, hoje é 65. A mortalidade infantil caiu de 163 por mil nascidos vivos para 52 por mil. Apesar disso, há problemas: a televisão só chegou ao país em 1999 e há conflitos étnicos com os vizinhos nepaleses. (PC)

Apesar de ser usado mundialmente para medir o desempenho econômico dos países, o Produto Interno Bruto (PIB) é um índice capenga. Destruir a Amazônia e transformá-la em móveis, pasto e plantação de soja, por exemplo, parece um bom negócio. Isso faz aumentar o PIB, pois ele só leva em conta a riqueza gerada pelos produtos, ignorando a perda dos recursos naturais e os desastres sociais que essas atividades provocam.

Há várias tentativas em todo o mundo de criar índices que possam medir o quanto uma sociedade está evoluindo, de maneira sustentável, na direção de proporcionar uma vida digna e confortável a todos os seus integrantes. Um deles é o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), usado pela Organização das Nações Unidas, que leva em conta o PIB per capita, a longevidade das pessoas e sua educação (avaliada pelo índice de analfabetismo e pelas taxas de matrícula nos vários níveis de ensino). O IDH foi criado pelo economista paquistanês Mahbub ul Haq (1934-1998), que foi diretor de Planejamento de Políticas do Banco Mundial e organizador do primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano da ONU, e pelo indiano Amartya Sen, que recebeu o Prêmio Nobel de Economia em 1998.

Mas foi no minúsculo Butão, país encravado na Ásia aos pés da Cordilheira do Himalaia, que surgiu, há mais de trinta anos, o conceito de Felicidade Interna Bruta (FIB), que engloba não só o crescimento econômico, mas também as dimensões sociais, ambientais, espirituais e culturais do desenvolvimento. Na I Conferência Nacional sobre FIB, realizada no final de outubro, em São Paulo, Karma Dasho Ura, coordenador das pesquisas sobre a FIB no Butão, explicou como é composto esse índice: "Analisamos as 73 variáveis que mais contribuem para a meta de atingir o bem-estar e a satisfação com a vida".

Essas variáveis estão abrigadas em nove itens gerais:

1. Bom padrão de vida econômico
2. Gestão equilibrada do tempo
3. Bons critérios de governança
4. Educação de qualidade
5. Boa saúde
6. Vitalidade comunitária
7. Proteção ambiental

- 8. Acesso à cultura
- 9. Bem-estar psicológico

Para Dasho Ura, "a felicidade das pessoas deve ser o objetivo das políticas públicas do governo". Também presente no congresso, Susan Andrews, psicóloga e antropóloga americana radicada no Brasil, apresentou exemplos de como a busca pelo crescimento puro e simples pode ser uma boa escolha para os números da economia, mas um péssimo caminho na vida dos cidadãos. "Nos Estados Unidos, desde 1950, o PIB aumentou três vezes", contou. "Nesse período, o índice de crimes violentos quadruplicou e aumentou o número de pessoas deprimidas e de suicídio entre adolescentes", comparou. "Várias pesquisas mostram que o ápice da felicidade, nos Estados Unidos, foi durante a década de 1950. De lá para cá, houve degradação não no plano material, mas no imaterial".

Outro palestrante no evento foi Michael Pennock, diretor do Observatório para Saúde Pública em Vancouver, no Canadá, que expôs uma situação semelhante em seu país. "Estamos ficando mais prósperos, mas perdendo a sensação de vida em comunidade. Não somos mais felizes e estamos destruindo o planeta", disse ele. Ao informar que está em desenvolvimento o Índice Canadense de Bem-Estar, baseado na estrutura da FIB, Pennock afirmou: "Precisamos repensar nossas noções básicas de progresso, pois, a partir de certo ponto, a prosperidade não traz o aumento da felicidade nem do bem-estar".

Fonte: Ethos



www.dhnet.org.br